



Entrevista com o Dr. Lenine Santos sobre o Acervo de Partituras Hermelindo Castelo Branco - APHeCaB

Patrícia Valadão 

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

valadao.patricia@gmail.com

Lenine Santos 

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

leninealves@gmail.com

ENTREVISTA

Editor-Chefe: Mauro Chantal

Layout: Mauro Chantal e Edinaldo Medina

License: "CC by 4.0"

Enviado: 02.10.2023

Aceito: 27.10.2023

Publicado: 01.12.2023

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14789328>

RESUMO: Entrevista realizada pela Dra. Patrícia Valadão (UFMG), Editora Adjunta da Revista de Música Vocal Erudita Brasileira, com o Dr. Lenine Santos, professor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, tendo por fio de condução o histórico da criação do grupo de pesquisa Acervo de Partituras Hermelindo Castelo Branco – APHECAB, que abriga milhares de partituras de mais de 2.600 compositores, alguns deles desconhecidos e não biografados até o presente. Fonte para pesquisas em diversas áreas (*performance* e musicologia, principalmente), o APHECAB, nas palavras do professor Lenine Santos, foi escolhido pelos editores para inaugurar a Seção Entrevista da Revista de Música Vocal Erudita Brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo de Partituras Hermelindo Castelo Branco – APHECAB. Canção Brasileira de Câmara. Lenine Santos.

ABSTRACT: Interview carried out by Dr. Patrícia Valadão (UFMG), Deputy Editor of the Revista de Música Vocal Erudita Brasileira, with Dr. Lenine Santos, professor at the School of Music at the Federal University of Rio de Janeiro – UFRJ, with the historical background of the creation of the research group Acervo de Partituras Hermelindo Castelo Branco – APHECAB, which houses thousands of scores by more than 2,600 composers, some of them unknown and not biographed to date. A source for research in several areas (*performance* and musicology, mainly), APHECAB, in the words of professor Lenine Santos, was chosen by the editors to inaugurate the Interview Section of the Revista de Música Vocal Erudita Brasileira.

KEYWORDS: Hermelindo Castelo Branco Sheet Music Collection – APHECAB. Brazilian Art song. Lenine Santos.



Patrícia Valadão: Professor Lenine Santos, ao tratarmos do Acervo de Partituras Hermelindo Castelo Branco, em suas palavras, quem foi essa personalidade no contexto da história da música no Brasil do século XX?

Lenine Santos: Hermelindo foi, antes de mais nada, um apaixonado pela canção brasileira. Um homem de cultura e formação musicais vastíssimas, era pianista, cantor, arranjador, professor de canto, correpetidor, e tantas funções quantas lhe fossem necessário legar-lhe na música ele as fazia com competência. Conhecia todas as tradições de canção de câmara ocidentais muito bem, e as cantava e ensinava, do *Lied* à *mélodie*, passando pela canção italiana, inglesa, ibérica... mas era a canção brasileira que o chamava, e na qual ele se encontrava e entregava sua mais plena contribuição. Nisso acho que até temos algo em comum. No entanto, era como arquivologista que ganhava seu sustento, trabalhando para o Tribunal de Contas da União. Funcionário público, assim o foram Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa.

Esse arquivologista e músico nada frustrado viveu na efervescência musical do Rio de Janeiro das décadas de 1940 e 50, convivendo com grandes compositores – como Babi de Oliveira e Helza Cameu, das quais foi amigo próximo – intérpretes e pianistas, cantando, tocando e discutindo música naquela capital ainda com resquícios de *Belle Époque*. Foi, durante toda sua trajetória, colecionando partituras de canção brasileira e, com sua técnica na área de arquivologia, organizando-as de modo minucioso, com o carinho de quem tinha consciência de estar criando uma coleção importante.

Quando a capital do Brasil se transferiu para o Centro-oeste, Hermelindo para lá se mudou, devido ao seu cargo profissional, e foi um dos pioneiros na criação de centros de interesse musical na cidade de Brasília, a princípio em casas de amigos, como a grande pianista e professora Neuza França, mas também ajudando e incentivando a criação da Escola de Música de Brasília, que foi durante mais de 30 anos, da década de 1960 até os anos 90, uma referência absoluta na formação de gerações de músicos brasileiros. Cantou no Madrigal desta Escola, que é o grupo vocal mais longevo da cidade, e acompanhou uma infinidade de cantores e instrumentistas em concertos pelo Brasil afora. Durante essas viagens realizava pesquisas, tanto de compositores locais quando

de material musical popular e, como se costumava chamar à época, folclórico. Desse material recolhido há várias coleções de arranjos seus para modinhas, lundus e cantos regionais, quase todos ainda inéditos, e que o colocam em par de igualdade com grandes arranjadores da canção brasileira de câmara, como Luciano Gallet ou Ernane Braga.

Patrícia Valadão: Sobre o Acervo de Partituras Hermelindo Castelo Branco, qual o histórico dessa organização de documentos ao longo da vida de Hermelindo Castelo Branco? O senhor chegou a conhece-lo pessoalmente?

Lenine Santos: Conheci Hermelindo. Não tanto quando gostaria, mas o suficiente para perceber sua competência e paixão. Fui à sua casa duas ou três vezes, já na década de 90, quando já era sabido por todos os interessados em canção brasileira de câmara que ele era dono de um acervo invejável, do qual ninguém sabia exatamente a extensão. Sabia-se que ele alugara uma casa em uma cidade satélite de Brasília para guardar seu material musical, que já não cabia em sua casa. Cheguei a perguntar-lhe em uma dessas ocasiões: "Professor, o que realmente o Sr. tem, de canção?", e ele me respondeu sem hesitar: "Tudo. Eu tenho tudo". Hoje vemos que ele não estava muito longe da verdade. Perguntei-lhe, também, o que ele, que era um especialista especialíssimo, acreditava ser, das canções atuais – à época de nosso encontro, evidentemente – as que achava mais importantes. Me lembro que citou a canção Retrato, de Ronaldo Miranda, como uma das mais perfeitas que conhecia. Hermelindo escrevia música com muita facilidade e rapidez, e tinha o hábito de transpor tonalidades para seus alunos ou cantores que acompanhava.

Quanto à organização das partituras, não havia, até onde pudemos constatar, uma listagem ou catálogo, mas elas estavam dispostas em caixas e pastas cuidadosamente identificadas em ordem alfabética, e também por caixas temáticas, pois o acervo também continha documentos como cartas, programas de concerto, fotos, recortes de jornal e materiais afins.

Patrícia Valadão: Como o acervo chegou até suas mãos e qual foi sua motivação, ou quais foram suas motivações para a criação do grupo de pesquisa Acervo de Partituras Hermelindo Castelo Branco – APHeCaB?

Lenine Santos: Essa é uma história que me emociona muito, e me leva a intuir algo como predestinação. Depois da morte de Hermelindo o mundo musical interessado em canção de câmara brasileira ficou em polvorosa, interessado do acervo, porém a família não o disponibilizou, apesar das tentativas por parte de instituições respeitáveis de abrigá-lo. A coleção ficou, então, por mais de 20 anos fora de acesso a intérpretes e pesquisadores. Eis que, em 2015, quando eu me encontrava como professor da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, a família decidiu disponibilizar o acervo para uma das pessoas mais sérias e proeminentes da vida musical brasiliense, Rogério Rezende, que é afinador, mecânico e construtor de pianos, criador do museu e centro cultural Casa do Piano. Rogério é um importante agitador cultural da cidade. Ao perceber a extensão e relevância daquele material, contactou imediatamente Alexandre Dias, pianista e musicólogo, criador do Instituto Piano Brasileiro e uma das pessoas mais envolvidas com a proteção e disponibilização de acervos musicais hoje no Brasil. Alexandre encampou a tarefa de digitalizar e listar todos os documentos do acervo, e através de amigos em comum e de seu conhecimento do mundo musical brasileiro, chegou ao meu nome como o de um especialista em canção brasileira.

Aqui eu abro um parêntese para dizer que o meu interesse em canção brasileira foi a minha gênese musical mais espontânea. A ópera, o oratório, os demais gêneros e linguagens clássicas, são para mim gostos adquiridos que se tornaram paixões, mas eu aprendi a amar a música através da poesia cantada da música caipira de Angelino de Oliveira, João Pacífico, da melodia poética de Adelino Moreira e Herivelto Martins, dos versos cantados de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, e por aí vai, compositores e poetas que eu não diferencio dos grandes criadores considerados eruditos, como Manuel Bandeira, Drummond, Villa-Lobos, Mignone ou Guarnieri. Apenas eles estão em ambientes musicais diferentes com demandas estéticas, sociais e culturais diferentes. Minhas primeiras paixões foram a música e a poesia, que para mim vêm a ter a mesma essência, porém constituídas de materiais elementares diversos. Ou nem tão

diversos assim. Quando descobri que eu podia associar poesia e música clássica, canto lírico, na minha língua mãe, esse foi um momento de revelação, visto que esse repertório à época de minha formação como cantor lírico era muito mais raro na pedagogia vocal do que é hoje. Assim sendo, segui minha trajetória musical colecionando e pesquisando e buscando pessoas que, como eu, tinham essa paixão. Deve ser isso que chamam de um “especialista”: apenas um apaixonado por um assunto em particular.

Pois então, Alexandre Dias me colocou em contato com o acervo de Hermelindo, e graças ao seu idealismo e seu heroísmo este foi inteiro digitalizado e listado, e o acervo físico devolvido ao Rogério Rezende, permanecendo na Casa do Piano até este ano, quando conseguimos que viesse para a Escola de Música da UFRJ, onde eu leciono, graças à direção da Escola e da PROMUS, o Programa de Mestrado Profissional, no qual também trabalho. Você pode imaginar como esse material é um tesouro para os investigadores e intérpretes, que vem fazer mestrado associados à minha linha de pesquisa.

E o grupo de pesquisa APHeCaB, registrado durante alguns anos na CNPQ, foi criado para disponibilizar democraticamente o acervo para os pesquisadores com histórico de trabalhos sérios na área. Em decorrência desse grupo, já há livros, antologias, artigos e dissertações publicadas a partir de material encontrado no acervo.

Patrícia Valadão: Além das partituras, quais outras categorias de documentos estão inseridos no Acervo?

Lenine Santos: Como já citei antes, há muita documentação importante para o registro da história da canção de câmara brasileira: programas de concertos de intérpretes proeminentes – pianistas e cantores – no cenário nacional, cartas trocadas por Hermelindo com compositores e compositoras, cantores e cantoras, sobre assuntos musicais, recortes de jornal com entrevistas, matérias sobre concertos, fotos, além, é claro, de partituras publicadas e em manuscrito, incluindo originais autógrafos raros.

Patrícia Valadão: Em termos de volume, quantas composições estão inseridas no Acervo, e qual o processo metodológico realizado para sua organização?



Lenine Santos: O número relacionado apenas a partituras alcança 6.674 títulos, e mais de 2.600 compositores, alguns deles até então desconhecidos e não biografados, realidade que começa a mudar com a investigação e os trabalhos de pesquisa que estão sendo publicados. Há várias compositoras mulheres, das quais nunca tínhamos tido notícias, e que hoje estão sendo objeto de pesquisa de mestrado. A primeira organização decorreu do processo de digitalização, do qual resultou uma listagem completa. Posteriormente procedemos a uma catalogação mais completa, com maiores informações sobre cada canção. Neste momento estamos viabilizando a disponibilização de todas as partituras que estiverem em domínio público através do site da PROMUS-UFRJ, enquanto o material sobre o qual ainda incorre direitos de autor estará disponível para consulta in loco. De cada canção será preenchida uma ficha catalográfica com a maior quantidade de informação possível: compositores e poetas, tonalidade, caráter rítmico e harmônico, ano de composição, dedicatória (quando houver), e informações afins.

Patrícia Valadão: Os professores Patrícia Valadão e Mauro Chantal tiveram publicado na Revista do Centro de Estudos Portugueses, em 2019, um artigo sobre a canção *A casa do coração* de Alberto Costa. A fonte para a localização dessa partitura, cujo acompanhamento do piano foi realizado por Hermelindo Castelo Branco, foi justamente o APHeCaB. Nesse sentido, como tem sido o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas a partir dos documentos inseridos no Acervo?

Lenine Santos: Há várias já concluídas e em andamento. Desde trabalhos de conclusão de curso ou de iniciação científica, artigos como o citado por você, apresentados em congressos, até dissertações de mestrado. Para citar apenas algumas, a Antologia Canção de Concerto Brasileira, decorrente do mestrado profissional de Flávio Melo pela UNIRIO, e posteriormente publicada pela editora MundoArts, sediada na Espanha. As pesquisadoras Janete Dornelas e Gisele Pires-Mota – esta última professora da Universidade de Brasília – realizaram vários recitais e escreveram textos dedicados à obra de compositoras presentes no acervo cuja obra permanecia desconhecida. O Projeto de Pesquisa e Extensão Africanias, da Escola de Música da UFRJ, tem produzido vários resultados em termos de espetáculos artístico/musicais, capitaneados pela Profa.

Dra. Andrea Adour, e ela mesma te apresentado junto ao pianista César Buscacio um concerto temático que tem sido apresentado em várias cidades do Brasil. Além de utilizar o acervo como constante consulta de repertório para meus alunos no bacharelado, construo através dele programas que apresento dentro e fora do país, como no *Barcelona Festival of Song*, talvez o mais importante curso e série de concertos a dedicar-se exclusivamente à canção ibero-americana.

Patrícia Valadão: Em sua opinião, quais outros produtos, além de artigos e trabalhos como dissertações e teses podem advir do material que compreende o acervo?

Lenine Santos: O mais importante que se pode ter a partir do acervo são a publicação de partituras, antologias, álbuns e afins, e a gravação das obras, seja em estúdio profissional para lançamento em CD ou plataformas digitais, seja para divulgação nas plataformas da Internet, como o Youtube, que são ferramentas excelentes para a divulgação dessas canções.

Patrícia Valadão: Podemos afirmar que o APHeCaB se constitui no maior acervo de canções brasileiras de música de concerto disponível para consulta?

Lenine Santos: Podemos afirmá-lo sem hesitar. É claro que trata-se de um acervo que parou de ser alimentado no início da década de 1990, e a canção brasileira de câmara não parou de ser produzida em alto grau de quantidade e qualidade. Porém a extensão do acervo, dedicado quase que exclusivamente a este gênero específico, faz com que ele seja mais relevante que muitos acervos mais famosos ou ligados a instituições públicas e particulares que são mais generalistas, dedicados à canção de um modo mais vasto, incluindo a popular.

Patrícia Valadão: No XXVII Congresso da Anppom, em 2017, o professor Paulo Castagna comentou que vivemos numa era de acervos particulares, pois diversas doações são hoje disponibilizadas a pesquisadores como o senhor, provenientes de artistas nacionais já aposentados ou mesmo falecidos. Gostaria que o senhor comentasse essa fala do professor Paulo Castagna, a partir da sua experiência com o APHeCaB.

Lenine Santos: Concorde com o Prof. Castagna, porém acrescento que é uma época em que há uma preocupação maior, uma época em que as pessoas estão se dando conta da importância desses acervos e de sua preservação. Durante muito tempo acervos se perderam e se diluíram devido à simples falta de consciência de que eram documentos de muito valor para a compreensão, não apenas da obra de um artista ou vários, mas para a própria compreensão mais profunda de uma época, de suas demandas sociais e culturais, dos temas sobre os quais os artistas, criadores e intérpretes se debruçavam, o estilo e linguagem musical e poética que predominava, entre tantos outros aspectos importantes para o estudo da música, da poesia, da estética, da etnomusicologia, da antropologia, da musicologia, e tantas áreas do conhecimento mais. Acervos de intérpretes referenciais da canção brasileira estão hoje tendo o merecido cuidado, nas mãos de pessoas que compreendem sua importância e estão trabalhando para viabilizar sua organização e disponibilização, como os acervos das cantoras Lenice Prioli, Martha Herr e Maria Lúcia Godoy, para citar apenas alguns nomes.

Patrícia Valadão: Ao acompanhar sua carreira como cantor, li sobre participações suas no *Barcelona Festival of Song*, na Espanha, fundado pela Dra. Patricia Caicedo. Em suas participações em eventos internacionais, o senhor já teve oportunidade de interpretar alguma ou algumas canções provenientes do APHeCaB? Se sim, como foi a recepção do público?

Lenine Santos: Sim, já realizei concertos no festival – que são uma parte importante do curso, que têm, além dos eventos artísticos, também uma parte de estudos acadêmicos e uma outra de estudos técnicos de dicção, estilo e interpretação do repertório brasileiro, português, espanhol, catalão, e tantas outras tradições ibéricas e latino-americanas. No próximo ano, em que o Festival completará 20 anos de existência, pretendo apresentar um espetáculo chamado *Scenas Colonoaes*, que tem grande parte de seu material musical retirado do acervo de Hermelindo Castelo Branco.

Patrícia Valadão: Onde se encontra, atualmente, o APHeCaB? Como se dá o acesso ao acervo, caso algum pesquisador/intérprete tenha interesse em algum título específico?



Lenine Santos: Hoje o acervo físico se encontra na Secretaria da Pós Graduação, na Escola de Música do Rio de Janeiro, e o acesso a pesquisadores da área é franqueado, através de contato conosco, professores da casa. A disponibilização das partituras ou, no caso da impossibilidade, de suas informações catalográficas, no portal de acervos da PROMUS, facilitará este acesso, o que tem o seu tempo para se concretizar, pois sabemos das demandas e dificuldades orçamentárias e de tempo dentro da Universidade. Mas nenhum acesso a pesquisadores da área será jamais negado.

Patrícia Valadão: Como o senhor vê o futuro do APHeCaB?

Lenine Santos: Minha intenção pessoal é de que o acervo seja mantido intacto, com a organização realizada por Hermelindo Castelo Branco, porém, paralelamente, pretendo completar o acervo com a produção que se seguiu a morte de seu criador, na medida do possível, porém deixando clara a linha que divide a primeira parte do acervo, original e obra daquele músico tão especial, e os adendos que lhe forem sendo feitos. Assim o acervo ganhará um aspecto dinâmico que permitirá que sua relevância, que hoje é enorme, assim continue *ad aeternum*, pois a canção brasileira é gênero que existe e persiste há séculos, e não dá nenhuma mostra de enfraquecer. Pelo contrário: as novas gerações de cantores cada vez mais se interessam por ela, formam duos que são especializados em sua interpretação, e levam adiante essa paixão pela poesia posta em música, no idioma brasileiríssimo de nossos grandes compositores e poetas.